

Teologia do Domínio e Eleições: uma Relação com Prazo de Validade

Domain Theology and Elections: a Relationship with na Expiry Date

Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek¹

Nataniel dos Santos Gomes²

RESUMO

A presente pesquisa procura contribuir para a iluminação e compreensão do que seja a Teologia do Domínio. A importância da temática está baseada na interferência de sua proposta no espaço público e na ameaça à democracia como a conhecemos. Por esta razão o presente texto procura desnudar as ações defendidas por Gary North visando a instalação de uma teocracia teonomista, ao mesmo passo que expõe a autopercepção dos dominionistas de que eles são a radicalização do fundamentalismo. Por fim, ao sugerir um prognóstico decorrente do exercício deste projeto de poder, assinalamos que, por se tratar de uma tentativa de solapamento da democracia, as eleições e a Teologia do Domínio se constituem em uma relação com prazo de validade.

PALAVRAS-CHAVE

Teologia do Domínio; Reconstrucionismo; Fundamentalismo; Gary North.

ABSTRACT

This research seeks to contribute to the illumination and understanding of what be a Dominion Theology. The importance of the theme is based on the interference of its proposal in public space and the threat to democracy as we know it. For this reason, this article seeks to lay bare the actions defended by Gary North aiming at the installation of a theonomist theocracy, while exposing the self-perception of dominionists that they are the radicalization of fundamentalism. Finally, by suggesting a prognosis arising from the exercise of this politic-power project, we point out that, as it is an attempt to undermine democracy, elections and Dominion Theology constitute a relationship with an expiration date.

¹ Doutor e Mestre em Ciência da Religião pela UFJF/MG. Pesquisador de Pós-Doc do PPG em Letras da UEMS com apoio de Bolsa CAPES. Contato: sdusilek@gmail.com

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007). Professor da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (graduação e pós-graduação) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Contato: nataniel@uems.br

KEYWORDS

Dominion Theology; Reconstructionism; Fundamentalism; Gary North.

Introdução

As eleições municipais de 2024 no Brasil apontaram para o fortalecimento da direita na preferência dos eleitores brasileiros. Conquanto tenha havido um crescimento de prefeituras do Partido dos Trabalhadores (PT), a maior parte das prefeituras pendeu para candidatos ligados a partidos do chamado “Centrão”, cujas siglas mais representativas são o MDB, o União Brasil, o PSD, o Republicanos e o Progressistas³. Em comum, a capacidade de integrarem os mais diferentes governos, mantendo uma camaleônica linha ideológica de direita. Já o PL (Partido Liberal), embora possa ser identificado com este grupo por alguns, preferimos considerá-lo como um caso à parte por abrigar, nos seus quadros, figuras da política nacional com discurso mais extremista.

Um aspecto notado no último pleito foi que, na concorrência entre direita e extrema-direita, o eleitor brasileiro elegeu, majoritariamente, candidatos não extremistas⁴. De igual modo, chamou a atenção a perda de força de candidatos à vereança apoiados por líderes evangélicos de peso, adeptos do “voto de cajado”, como aconteceu na disputa eleitoral para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro⁵. Como deve ser lido esse aparente insucesso eleitoral? Seria um retorno a normalidade democrática que experimentávamos como partícipes da Nova República? Teria a extrema-direita no Brasil, composta pela junção dos extremistas políticos (ligados ao bolsonarismo) com os extremistas religiosos (fundamentalistas) dado sinais da perda de sua força?

O arrefecimento do extremismo, que bem se diga, é uma possibilidade, um sério vetor de análise. Todavia, parece-nos mais apropriado pensar dentro da perspectiva de que a incursão da Teologia do Domínio e de seu respectivo projeto de poder ainda não logrou completo êxito. Dois indicadores endossam esta percepção: a) mesmo onde foram derrotados, os candidatos da extrema-direita tiveram uma significativa votação; b) o projeto proposto pela Teologia do Domínio ainda não foi completado, estando em curso.

Sobre a Teologia do Domínio, ela tem desperto crescente interesse no país. As publicações sobre o assunto são recentes, indicando o longo caminho a ser percorrido para a sua maior compreensão e seus efeitos, notadamente nos campos político e cultural. O interesse em parte se justifica pelos sinais que já são sentidos pela sociedade; em parte porque a atuação de grupos que radicalizaram o fundamentalismo têm se multiplicado no Brasil, sempre com uma atuação coordenada. Outro fator importante é a tentativa de pesquisadores e teólogos democráticos de iluminar o ideário que está por detrás destas movimentações.

Tendo como um dos seus patronos o teólogo estadunidense T. Rousas John Rushdoony, a Teologia do Domínio propõe a mutação, por inteiro, da cultura e das leis do país, a partir da

³ Conforme: TESTA, G. G.; MESQUITA, L.; BOLOGNESI, B. . Do fisiologismo ao centro do poder: as reformas eleitorais e o centrão 2.0. Caderno CRH (Online), v. 37, 2024.

⁴ <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2024/noticia/2024/10/27/veja-todos-os-prefeitos-eleitos-nas-capitais-do-pais.ghml>.

⁵ <https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2024/noticia/2024/10/13/bancada-evangelica-diminui-no-rio-e-em-sp-apos-derrotas-de-pastores-de-grandes-igrejas.ghml>.

imposição dos valores cristãos e da lei divina⁶. Não se trata da perspectiva esboçada por Richard Niebuhr⁷ do Cristo como transformador da cultura. O caminho é o domínio e não a influência; é a imposição e não a persuasão. A proposição é do regramento estatal e social pelo resgate de uma teonomia radical a partir do Primeiro Testamento, com destaque para os textos que apontam para uma legislação na qual não há vestígio da misericórdia⁸.

O processo para essa implementação é a conquista do comando, do poder do Estado. Neste sentido, coube ao genro de Rushdony, Gary North, a sistematização do modo operacional com que a Teologia do Domínio se colocaria em movimento. Neste artigo, apresentaremos o que ele sugere ser um passo-a-passo para a implementação de uma teocracia evangélica.

A igreja cristã não pode alegar ingenuidade na aproximação com o poder estatal. Por séculos ela se aliou a impérios. Em outros momentos, desenvolveu meticolosos projetos de poder, a ponto de ver impérios caírem e outros surgirem sem que ameaçasse a sua continuidade. Sobre este lastro histórico, Richard Niebuhr⁹ bem assinalou que ao longo da História o cristianismo, mediante sua institucionalização, teve relativo sucesso ao ignorar o ensino do Mestre, na busca por autopreservação e por poder. Nesta senda, a igreja promoveu uma leitura ambígua do evangelho, a qual foi usada em diferentes ocasiões para sustentar o apoio a guerras, escravidão e desigualdades socioeconômicas. O cristianismo parece ter achado mais fácil e desejável cumprir a ordem de Jesus de dar a César o que é de César, do que dar a Deus o amor que transbordaria em termos de compaixão para o próximo.

O reflexo deste projeto no restante do continente americano, em primeiro lugar, ocorreria como uma extensão do chamado “destino manifesto”¹⁰, a ideia de que os Estados Unidos teriam uma especial vocação dada por Deus para defender a liberdade e promover a civilização de outras partes do mundo, especialmente das Américas. No conceito americano, a marcha para o Oeste com a dizimação dos povos originários indígenas representou um modelo de expansão da noção de civilidade que acompanha até hoje a política externa dos Estados Unidos em sua ação imperialista e intervencionista ao redor do mundo, especialmente onde há jazidas de petróleo.

Neste ponto explica-se o interesse e a interferência no Brasil. Não mais agora como eco a partir da ligação histórica, sempre atualizada, que o movimento evangélico aqui tem dos Estados Unidos, essa colonização teológica sem data para acabar. Nem como um investimento estratégico para que o país não virasse uma nova Cuba, em tempos de Guerra Fria. Agora, com as crescentes descobertas de campos petrolíferos no chamado pré-sal, o Brasil se tornou um importante alvo da política externa estadunidense.

⁶ PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: uma chave de interpretação evangélico-política do bolsonarismo. *Projeto História*, São Paulo, v. 76, pp. 147-173, Jan.-Abr., 2023.

⁷ NIEBUHR, H. Richard. *Cristo e Cultura*. Tradução de Jovelino Pereira Ramos. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

⁸ Não há misericórdia, compaixão na Teologia do Domínio. É o que pôde ser visto na reação de Donald Trump às palavras da homilia proferidas na Catedral Episcopal de Washington pela episcopisa Mariann Edgard Budde, conforme: <https://www.poder360.com.br/poder-internacional/leia-o-discurso-critico-que-a-bispa-de-washington-fez-a-trump/> e <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2025/01/23/bispa-que-fez-apelo-a-trump-diz-que-nao-se-desculpara-mas-garante-nao-odeio-o-presidente-e-rezo-por-ele.ghtml>.

⁹ NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. Tradução de Dirson Glênio Vergara dos Santos. São Paulo: ASTE, 2023.

¹⁰ NOVAES, Carlos César Peff. Primus Inter Pares: Raízes históricas do isolacionismo batista no protestantismo brasileiro. In: DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves; CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. *O Oásis e o Deserto: uma reflexão sobre a história, identidade e os princípios batistas*. Rio de Janeiro: W. Books Editorial, 2021. p. 62.

O objetivo deste artigo é iluminar a Teologia do Domínio por dentro, isto é, mostrar como ela se percebe como um movimento distinto do fundamentalismo, em virtude de sua radicalidade. Também apontaremos as condições para sua efervescência, os obstáculos a serem transpostos para que ela alcance pleno êxito, caracterizando sua autopercepção e os caminhos, a metodologia que ela se propõe trilhar a fim de implantar o que seja uma regime teocrático no país, tornando-o um “Evangelistão”. Terminaremos o texto oferecendo um prognóstico com as prováveis consequências para o Brasil, em virtude da influência do dominionismo que já pode ser sentido em nosso país.

A metodologia utilizada é a de revisão de literatura sobre o assunto. Nosso principal foco será uma revista teológica publicada em 1982, de pouco conhecimento público, no qual as bases para a implantação de uma teocracia são explicitamente expostas. Também faremos uso de notícias e outras publicações que têm tratado ou evidenciado o tema. Dentre estes destacamos os escritos de João Cezar de Castro Rocha¹¹, o texto basilar de Eliseu Pereira¹² sobre a Teologia do Domínio, e alguns dos capítulos do livro *Cruzadas Contemporâneas*¹³, que trazem com suas abordagens os reflexos do que seria a movimentação por conta da operacionalização da Teologia do Domínio.

1. Uma teologia reativa... ao fundamentalismo

A Teologia do Domínio, Dominionismo ou Reconstrucionismo é uma teologia reativa, característica herdada de seu predecessor, o fundamentalismo. Em um primeiro momento, como uma espécie de prolongamento, de aperfeiçoamento do fundamentalismo, sua reatividade se apresenta alicerçada nos mesmos motivos e contradições que ensejaram o seu surgimento. Mas, quais teriam sido estas condições?

Basicamente, podemos destacar: a reserva em relação à Ciência, não só pelos eventuais choques que suas descobertas provocam com o texto bíblico, mas também pela sua influência no próprio modo de fazer teologia¹⁴. A ciência para o fundamentalista é algo a ser instrumentalizado,

¹¹ ROCHA, João Cezar de Castro. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

¹² PEREIRA, 2023.

¹³ BARROS II, João; SPYER, Tereza; VALLE, Vinícius do (orgs.). *Cruzadas Contemporâneas: política e guerra cultural evangélica no Brasil*. São Paulo: Editora Pluralidades, 2024a.

¹⁴ Assim ilustra Karen Armstrong: “Como essas descobertas afetariam as vidas religiosas de judeus e cristãos? Alguns cristãos abraçaram os achados do Iluminismo. Friedrich Schleiermacher (1768-1834) sentiu-se inicialmente perturbado pelo fato de a Bíblia parecer um documento tão imperfeito. Sua reação foi promover uma espiritualidade baseada numa experiência fundamental para todas as religiões, mas que o cristianismo havia expressado de maneira característica. Ele definiu essa experiência como ‘o sentimento de dependência absoluta’. Esta não constituía nenhum servilismo abjeto, mas um sentido de reverência e admiração perante o mistério da vida, que nos tornava cientes de que não éramos o centro do Universo. Os evangelhos mostravam que Jesus corporificou perfeitamente essa atitude de admiração e submissão, e o Novo Testamento descrevia o impacto de sua personalidade sobre os discípulos que fundaram a Igreja primitiva. (...) A Escritura era, portanto, essencial para a vida cristã porque nos proporcionava nosso único acesso a Jesus. Mas, como seus autores eram condicionados pelas circunstâncias históricas em que viviam, era legítimo submeter seu testemunho a escrutínio crítico. A vida de Jesus tinha sido uma revelação divina, mas os escritores que a registraram eram seres humanos comuns, sujeitos a pecado e erro. Era muito possível que tivessem cometido incorreções. Mas o Espírito Santo havia guiado a Igreja em sua seleção de livros canônicos, de modo que os cristãos podiam confiar no Novo Testamento. A tarefa do estudioso era remover sua casca cultural para revelar o cerne atemporal em seu interior. Nem todas as

para pinçar o viés de confirmação do texto bíblico¹⁵; o ressentimento pelo deslocamento da religião para a esfera privada, com cada vez menos importância no espaço público, resultado de um processo crescente de secularização da sociedade¹⁶; a crescente desconfiança de secularistas de que o texto bíblico seria fonte de violência, de ódio e de sectarismo¹⁷; as constantes e significativas transformações pelas quais o mundo passa, diversificando as condições de vida, diluindo a tradição e abrindo espaço para certo anelo pela previsibilidade¹⁸; certo esgotamento no processo hermenêutico da bíblia, em parte devido à má formação dos líderes, em parte pela ausência da necessária energia para reinterpretar a escritura visando sua revitalização¹⁹. A especial adequação hermenêutica do cristianismo nascente ao caráter universal da mensagem do evangelho que Auerbach²⁰ chamou de reinterpretação interpretativa foi trocada por um modelo de repetição, decorrente da leitura literal do texto bíblico.

O foco se voltou, mas não se restringiu à disputa pelo controle do texto bíblico. Passou a se tratar de uma questão de autoridade. Não mais a autoridade reconhecida pelo público palestino que ouvia Jesus e que não localizava, no Nazareno, nenhuma distância entre seu ensino e sua prática. A defesa passou a ser de algo equivalente a um oráculo, uma vez atribuída a inspiração verbal, a visão de que Deus teria ditado o texto bíblico, como se fosse uma pneumografia, cujo paralelo mais próximo estaria na psicografia espírita.

No entanto, a noção de ditado verbal só pode atingir os de dentro, os pertencentes ao protestantismo, persistindo os problemas da ocupação do espaço público e da legitimação. O efeito corolário foi buscar validar a bíblia como um livro científico, para que tivesse uma espécie de paridade de armas no campo da ciência. Assim, os textos que não possuíam uma tradição de interpretação literalista até o século XIX, passaram a ser tomados como foram escritos ²¹.

palavras da Escritura eram confiáveis, assim o exegeta devia distinguir ideias marginais da essência do evangelho”. ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: uma biografia*. Tradução de Maria Luísa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 84.

¹⁵ ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; Ver também: CHEVITARESE, André L.; CALVANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise (organizadores). *Fundamentalismo Religioso Cristão*. Olhares transdisciplinares. Rio de Janeiro: Kline editora, 2021a.

¹⁶ Friedrich Gogarten desenvolve uma interessante tese em que aponta a secularização não como um resultado da Modernidade, mas como uma consequência da tensão da relação da fé cristã com o mundo circundante, com a cultura, segundo: DREHER, Luís Henrique. *A Sedição do Secular na Religião: uma Análise da Obra de Friedrich Gogarten*. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, v.2. n. I, 1999. p. 51-72.

¹⁷ ARMSTRONG, 2007.

¹⁸ AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011.

¹⁹ ARMSTRONG, 2007.

²⁰ AUERBACH, 2011.

²¹ A noção de que a Escritura não era um texto, mas uma atividade, uma história viva, uma memória recente, é importante para contrastar a dinâmica da palavra que primeiramente é evento histórico, para depois ser escritura (Ricoeur, 2008; Auerbach, 2011). O registro, como bem lembra Fosdick (1961) representa uma amputação do evento revelatório, que pode ser encarado de modo similar à função de iluminação que o escritor faz ao focar em certos aspectos para descrever uma cena, renunciando a outros (Auerbach, 2011). Como bem pontuou Karen Armstrong: “Hans Frei estava certo: a Bíblia foi um documento subversivo, desconfiado da ortodoxia desde o tempo de Amós e Oséias. O hábito moderno de citar textos comprobatórios para legitimar políticas e governos não está em consonância com a tradição interpretativa. Como Wilfred Cantwell Smith explicou, a Escritura não era realmente um texto, mas uma atividade, um processo espiritual que introduzia milhares de pessoas à transcendência. A Bíblia pode ter sido usada para apoiar doutrinas e crenças, mas essa não foi sua principal função. A ênfase fundamentalista na letra reflete o ethos moderno, mas é uma ruptura com a tradição, que em geral preferiu algum tipo de interpretação figurativa ou inovadora” (ARMSTRONG, 2007, p. 95).

A tentativa de cientificizar o texto bíblico sofreu críticas de conservadores. Edgard Mullins²², teólogo batista estadunidense, discordava desta linha, pois entendia que a Bíblia devia ser aceita pela fé e não pela comprovação científica, fator este que aboliria a necessidade da primeira. De bom alvitre também é o resgate que Karen Armstrong²³ fez de Calvino, para quem o texto bíblico não só não era científico, como aqueles que queriam aprender sobre as mais variadas ciências, como astronomia, deveriam procurar fazê-lo no lugar apropriado.

Em um segundo momento, a reatividade da Teologia do Domínio foi ao próprio fundamentalismo. Neste sentido ela pode ser vista como sua radicalização. Representa o fundamentalismo levado ao seu paroxismo. Um exemplo deste aspecto que será mais detidamente abordado no próximo tópico é a negação do direito e do cuidado com os desvalidos, a compreensão da pobreza como maldição, motivo pelo qual se condena toda forma de assistência, uma vez que Deus não estaria do lado dos pobres. Os reconstrucionistas reforçam as mesmas passagens que muitos interpretes procuraram contornar. Segundo Armstrong²⁴: “Os reconstrucionistas parecem procurar essas passagens de modo deliberado e interpretá-las de maneira anistórica e literal. Onde outros fundamentalistas absorveram a violência da modernidade, os reconstrucionistas produziram uma versão religiosa de capitalismo militante”²⁵.

Esta versão religiosa do capitalismo nada mais é do que a sacralização do sistema, por meio da confirmação do vazio contido na restrição cultural, ritual, que ele tipifica, segundo Walter Benjamin²⁶.

2. A Teologia do Domínio por ela mesma

Como acabamos de pontuar, a Teologia do Domínio é antes de tudo uma reação ao fundamentalismo, implicando em sua maior radicalização. Não se trata, então, de uma continuidade, de uma progressão natural de uma outra teologia que desemboca na forma do Reconstrucionismo. A própria nomenclatura que acabamos de citar aponta para o eixo principal que move a elaboração dominionista: é preciso derribar tudo, na teologia e no estamento governamental, para que a sonhada sociedade teonomista possa surgir.

Neste sentido, não nos parece correta a percepção defendida por Raquel Santana²⁷ de que a Teologia do Domínio seria uma extensão, ou usaria a plataforma da batalha espiritual como

²² MULLINS, Edgar Young. *A religião cristã: na sua expressão doutrinária*. Tradução de Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Hagnos, 2005.

²³ ARMSTRONG, 2007.

²⁴ ARMSTRONG, 2007, p. 92.

²⁵ O que pode ser visto na declaração do movimento chamado “Legado Cristão” que em Janeiro de 2025 promoveu um evento no Memorial da América Latina em São Paulo. No seu site encontra-se o seguinte trecho da declaração, contido na seção “Lei e Estado”: “O governo, por sua vez, deve ser considerado apenas um dentre diversas esferas de soberania estabelecidas por Deus em sua sabedoria e providência, dentre as quais se contam a família, a sociedade, o mercado, a educação e a arte” (Conforme <https://legadocristao.com.br/declaracao>, grifo nosso. Acesso em 21/01/2025 às 13:40) Ao apontar o Mercado como uma esfera da soberania divina, os líderes deste movimento reproduzem a visão religiosa do capitalismo, sacralizando-o.

²⁶ BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.

²⁷ SANT’ANA, Raquel. *A nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de uma coletividade “evangélica” a partir da Marcha para Jesus*. 262f. Tese (doutorado). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2017.

catapulta para sua expansão e elaboração. A contribuição da teologia da batalha espiritual não ocorre nos termos do ideário original da Teologia do Domínio. Seu oferecimento está na promoção e manutenção de uma tensão secularizante que alimenta o clima de guerra cultural, este sim instrumento usado pelo Dominionismo para sua expansão.

A associação feita entre teologia da batalha espiritual e a Teologia do Domínio parece-nos vinculada às chamadas declarações proféticas (“O Brasil é do Senhor Jesus!”) e à noção, oriunda da religiosidade do Mundo Antigo de demônios territoriais, muito bem espelhada na poesia de John Milton ao escrever *Paraíso Perdido*²⁸. O próprio texto do Primeiro Testamento traz essa compreensão. Tais espíritos revelariam uma disputa invisível, pois que espiritual, por regiões geográficas, explicando o sucesso ou insucesso das batalhas (no Mundo Antigo) e das empreitadas evangelísticas (no Mundo Contemporâneo), bem como o aumento dos índices de violência, injustiça e fome.

Trata-se, evidentemente, de uma teologia alienante que não conversa com a realidade, nem tampouco vislumbra o aspecto estrutural da injustiça social a ser combatida. Tudo se resume a uma luta entre Deus e o Diabo, na qual a força de Deus precisa ser constantemente reabastecida pela oração dos seus fiéis, para que tenha vitória sobre o Inimigo. Esquecem-se que o jejum e oração, pelos quais as castas costumam sair, não servem para turbinar o poder divino, mas para preparar aquela pessoa pelo qual ele se manifestará.

A noção de batalha espiritual tem implicação direta em outro tipo de questão: o racismo religioso. Ao identificar os demônios com os orixás do panteão afro, nas numerosas entrevistas feitas em cultos neopentecostais, o resultado foi o aumento do racismo religioso e, por conseguinte, dos trágicos episódios de intolerância religiosa²⁹. A localização dos males sociais em uma denominação ou tradição religiosa diferente daquela que é aceita como evangélica não pode ser considerada uma novidade. Durante muito tempo o pensamento evangélico no Brasil foi marcado pelo seu anticatolicismo e pela identificação da fé católica como a causadora dos males sociais, do subdesenvolvimento³⁰. O raso argumento que sustentava tal alegação era o desenvolvimento do Norte Global, especialmente das nações impactadas pela Reforma Protestante. Negava-se, desta forma, a leitura histórica que atesta que a riqueza do Norte Global é resultado de sua postura colonialista e imperialista, fruto da extração das riquezas do Hemisfério Sul.

O pentecostalismo clássico tem, ao que nos parece, uma forma própria e espiritualizante de encarar sua expansão e domínio dos territórios. O caminho é o espiritual, vinculado normalmente a plantação e expansão de igrejas³¹.

²⁸ MILTON, John. *O Paraíso Perdido*. Tradução de Antônio José Lima Leitão. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010.

²⁹ <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/janeiro/no-dia-nacional-de-combate-a-intolerancia-religiosa-mdhc-reforca-canal-de-denuncias-e-compromisso-com-promocao-da-liberdade-religiosa>. Acesso em 25/01/2025.

³⁰ AZEVEDO, Israel Belo de. *A palavra marcada: teologia política dos batistas segundo O Jornal Batista*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1983. 404p.

³¹ O que parece vem sofrendo alteração a partir do sucesso político da IURD Max Cassin, em sua dissertação de mestrado, sustenta que a partir do vislumbre da “grama do vizinho que sempre está mais verde”, a Assembleia de Deus, notadamente o ministério de Madureira (ADMAD), vem se organizando para conquistar mais espaços nas três esferas de Governo. Sua pesquisa traça uma linha histórica desta acentuação, desta inflexão assembleiária, a partir da candidatura de Eduardo Cunha e sua vinculação mais direta com a liderança da ADMAD. Conforme: CASSIN, Max David Rangel. “*House of Cunha*”: Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018). Niterói, RJ. 168f. Mestrado (dissertação) – Universidade Salgado de Oliveira, Programa de Pós-Graduação em História, 2020.

Assim, sustentamos que o trânsito entre teologia da batalha espiritual para a teologia do domínio não pode ser feito por duas razões principais: a) a primeira, que o domínio do qual fala a batalha espiritual é o das regiões espirituais, cujo reflexo se sente aqui. O modo é o exorcismo através de oração, de campanhas de intercessão, de vigílias de oração, de jejuns; b) a segunda, porque sendo uma ação iminentemente espiritual, conquanto tenha um reflexo no espaço público, a teologia da batalha espiritual não possui um ordenamento, um projeto de ação, um *modus operandi*. São palavras ao vento ou coladas em *outdoors*.

No mais, a Teologia do Domínio tem sua estruturação oriunda dos mesmos grupos que fomentaram o surgimento do fundamentalismo estadunidense. Falamos aqui dos Batistas e dos Presbiterianos³². O arcabouço intelectual, o processo de seu fazimento, de sua estruturação requereu a atuação de lideranças que, não obstante o caráter obscurantista da proposta, demonstram certa formação intelectual, paradoxo presente também no fundamentalismo, da onde surge a Teologia do Domínio.

Mas e quanto a certos grupos neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD)?

Certamente que no exemplo citado se manifesta um padrão: o da mistura. Assim como suas práticas são sincréticas, parece-nos que a IURD amalgamou a percepção de batalha espiritual na sua manifestação primeira no pentecostalismo clássico, com pontos da teologia do domínio, na confecção de seu projeto de poder. Um dos pontos visivelmente incorporados é o da estratégia de eleição de representantes da igreja; contudo, não há a preocupação, por exemplo, com a formação de uma mentalidade teocrática nas crianças.

Por algum tempo foi feita a separação entre Fundamentalismo e Teologia do Domínio localizando-os em denominações evangélicas. Dentro desta perspectiva, o fundamentalismo estaria mais ligado a denominações históricas do protestantismo, enquanto a Teologia do Domínio se restringiria aos grupos neopentecostais, devido ao crescimento do sucesso eleitoral. Todavia, quando aproximamos do arrazoado teórico da Teologia do Domínio, esta distinção por grupos se mostra insatisfatória.

A importância de se abordar a Teologia do Domínio por ela mesma, isto é, perseguindo o prisma de seus idealizadores e defensores é justamente evitar as ilações e entrelaçamentos, como foi o caso com a Teologia da Batalha Espiritual e também a Teologia da Prosperidade, transmutada por alguns para Teologia da Propriedade, agora aplicada ao Estado.

Como, então, a Teologia do Domínio se percebe, isto é, como alguns dos seus idealizadores e defensores pavimentaram a defesa e proposição do Reconstrucionismo?

Primeiramente como uma negação dos Princípios Batistas³³. A Teologia do Domínio nasce estadunidense tendo seu país como alvo primeiro de implementação. Uma vez que os batistas são o grupo evangélico mais representativo e que o Princípio de Separação entre Igreja e Estado, caro aos batistas, sedimentou o ideário da democracia norte-americana³⁴, era preciso

³² Mesmos grupos que cederam quadros para ministérios do governo de Jair Messias Bolsonaro.

³³ Sobre este tema sugerimos as leituras de: SCHURDEN, Walter B. *Quatro Frágeis Liberdades; Resgatando a Identidade e os Princípios Batistas*. Tradução de Raimundo César Barreto Jr.; Benedito G. Bezerra. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2018; DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves; CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. *O Oásis e o Deserto: uma reflexão sobre a história, identidade e os princípios batistas*. Rio de Janeiro: W. Books Editorial, 2021; LANDERS, John M. *Teologia dos princípios batistas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.

³⁴ TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América: sentimentos e opiniões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

desconstruir essa base para poder pleitear a posse do Estado. Na tradição batista, bem representada no pensamento de Martin Luther King Jr., cabe a Igreja ser a consciência do Estado e não seu senhor.

A postura de afastamento diante do Estado pelos primeiros batistas é tanto reflexo da experiência histórica em solo inglês em virtude da perseguição religiosa impingida pela oficial Igreja Anglicana, como também pela possível influência anabatista que, diante da constatação de que o Estado não podia ser cristianizado, propunha que a igreja deveria se manter totalmente afastada dele³⁵. Não por outro motivo que as primeiras comunidades anabatistas se organizaram em total comunhão interna e independência do Estado. O trabalho, o ensino, as práticas religiosas aconteciam no ambiente da comunidade³⁶, o que para muitos era visto como um modelo anárquico.

Ray Sutton³⁷ vai além: procura sugerir a motivação por detrás de tal princípio. Segundo ele, estava na valorização do sofrimento como mecanismo de destaque do comportamento que tenderia para o perfeccionismo. Se o Estado fosse injusto com membros da tradição batista ou anabatista, não caberia o questionamento ou a tentativa de mudança, pois a eles seria dado o privilégio do “piedoso testemunho da prática da justiça”³⁸. Conquanto, possa ser observado tal comportamento valorativo do sofrimento como porta de testemunho entre batistas e anabatistas, parece-nos que esta percepção de Sutton possui certo exagero. Senão, como explicar o próprio questionamento do advogado Thomas Helwis, o segundo batista da história, em sua defesa, quando preso por conta de sua opção religiosa?³⁹

Outro questionamento feito foi sobre o princípio da liberdade de consciência, que baseia a liberdade individual, a subjetivação moderna da vontade. Segundo Sutton⁴⁰, essa exacerbação da individualidade inviabilizaria um projeto de governo teocrático, necessitando de uma revisão e mudança paradigmática. Escorando-se em uma leitura tendenciosa do texto bíblico, ele destaca que a existência de classes sociais e de diferenças entre os indivíduos de uma mesma sociedade expressaria a impossibilidade de uma sociedade de iguais. Nas suas palavras: “Além do mais, uma sociedade de amigos é biblicamente impossível”⁴¹.

O caminho feito por Sutton para desconsiderar o Evangelho do Nazareno na mesma medida em que constrói sua defesa da Teologia do Domínio é a condenação da prática batista de valorizar a normatividade do Segundo Testamento em detrimento do Primeiro. O discipulado, o seguimento de Jesus passa a ser considerado como a obediência à Lei (leia-se Primeiro Testamento) divina. A marca objetiva passa a ser a obediência aos termos da primeira parte do texto bíblico. O discipulado de Jesus deixa de ser sinalizado pelo amor (que inclui), e passa a ser considerado pelo cumprimento dos termos da Lei (que exclui)⁴².

³⁵ SUTTON, Ray. The Baptist failure. In: James B Jordan (Ed.). *The Failure of the American Baptist Culture. Christianity and Civilization*. N° 1, Spring 1982. Geneva Divinity School, p. 152-184.

³⁶ DREHER, Martin N. *História do Povo de Jesus: Uma Leitura Latino-Americana*. 2. ed. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2017.

³⁷ SUTTON, 1982.

³⁸ SUTTON, 1982, p. 165.

³⁹ OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Liberdade e Exclusivismo: Ensaio sobre os Batistas Ingleses*. Rio de Janeiro: Horizontal; Recife: STBNB Edições, 1997.

⁴⁰ SUTTON, 1982.

⁴¹ SUTTON, 1982, p. 174.

⁴² O trágico é que na teologia paulina a lei serve como argumento não para desculpa, mas para a condenação, nos encaminhando para a necessidade da Graça.

Curiosamente, justamente em seu artigo que cita genericamente a Bíblia, sem mencionar um versículo ao longo do seu arrazoado, tem seu padrão expositivo interrompido ao citar o texto, apropriado pela Teologia do Domínio como áureo, de Gênesis 1,26-28. Entretanto, quando Sutton o faz, ele o coloca dentro de uma chave de leitura da Grande Comissão (Mateus 28,19-20). O domínio, cuja melhor leitura deveria ser cuidado, mordomia com a Criação divina, uma vez que na literatura bíblica não há a transferência da propriedade deste mundo criado para o ser humano, passou a ser encarado como uma das tarefas, das dimensões missionais da igreja. Não bastasse a deturpação do melhor significado do texto, corrompeu-se também o sentido missional do comissionamento de Jesus Cristo.

Em segundo lugar, os reconstrucionistas se percebem como restauradores de uma ordem social com a qual eles não possuem ligação histórica. Na esteira do chamado “destino manifesto”, os reconstrucionistas se vêem como eleitos de Deus para inaugurar uma fase teonômica no mundo, iniciando-se pelos Estados Unidos. Concatenando compulsoriamente a benção divina com a obediência, os defensores da Teologia do Domínio se vangloriam da posse do verdadeiro sentido do cristianismo, considerando as demais vertentes e expressões de fé, falsas ou falhas. Não por outro motivo o tema da revista teológica que traz diversas contribuições, algumas das quais destacadas para fins de exposição nesse artigo, tem por sugestivo título *O Fracasso da Cultura Americana Batista*⁴³.

Seu objetivo, como bem destaca Kevin Craig⁴⁴, é tornar novamente possível um governo baseado na lei bíblica. Ao indagarmos a que tipo de referência governamental pretérita os dominionistas poderiam aludir, Craig aponta para o retorno ao puritanismo⁴⁵. Por esta razão é preciso que, primeiramente, se converta a sociedade para que ela aceite a Lei de Deus, por meio do que seria uma ação do Espírito Santo, para, depois, submeter a sociedade a políticas e práticas de controle social e de costumes, tal qual Voltaire⁴⁶ experimentou em Londres durante o tempo em que lá viveu. Privado de frequentar os *Pubs* londrinos no dia de domingo por conta da influência puritana que apregoava o domingo como “o dia do Senhor”, destinado ao descanso e às atividades religiosas, Voltaire protesta contra esta medida sinalizando que nem todos londrinos eram religiosos. Essa submissão deveria ser precedida de uma agressiva ação educacional e evangelística para criar a ambiência visando a implementação de um sistema político bíblico⁴⁷, que deve ser lido como uma teocracia baseada na leitura literal das partes mais radicais do Primeiro Testamento.

Em terceiro lugar, os reconstrucionistas se entendem como uma radicalização do movimento fundamentalista. Esta radicalização tanto pode ser notada na severa crítica que fazem a baluartes do fundamentalismo estadunidense, como também a defesa de uma fé em que a misericórdia é a principal ausência a ser notada.

⁴³ JORDAN, James B. The Failure of the American Baptist Culture. *Christianity and Civilization*. N° 1, Spring 1982. Geneva Divinity School.

⁴⁴ CRAIG, Kevin. Social Apologetics. In: JORDAN, James B (Ed.). The Failure of the American Baptist Culture. *Christianity and Civilization*. N. 1, Spring 1982. Geneva Divinity School, p. 41-76.

⁴⁵ Sugerimos para um pesquisa posterior que se olhe para a herança puritana, a qual compõe a base do pensamento evangélico brasileiro, como um dos dutos pelos quais a influência e a comunicação mais radical do evangelicalismo estadunidense, encontra eco neste país.

⁴⁶ Ele assim se expressou em uma de suas Cartas Inglesas. Ver: VOLTAIRE. *Cartas Inglesas ou Cartas Filosóficas*. 1. ed. Tradução de Marilena de Souza Chauí Berlinck. São Paulo: Abril, 1973. [Coleção Os Pensadores].

⁴⁷ CRAIG, 1982.

O primeiro a ser criticado é Francis Schaeffer, tido como um moderado para Gary North⁴⁸. Schaeffer foi simplesmente o teólogo que pavimentou a ressurgência fundamentalista estadunidense, bem como lançou as bases do *L'abri*⁴⁹ cujo objetivo é a demonstração da realidade de Deus. Proposição auspiciosa para uma organização, especialmente após saber que a Bíblia relega esse papel à fé.

A segunda crítica é dirigida a Jerry Falwell que em 1979 funda a Maioria Moral nos Estados Unidos⁵⁰. Conquanto Ray Sutton⁵¹ ressalte a diferença do movimento de Falwell dos demais batistas, pela influência que teria recebido da herança do calvinismo reformado⁵² nos Estados Unidos, Kevin Craig o achava insuficiente na sua radicalidade, pois defendia a tomada do poder por uma direita cristã que respeitasse o pluralismo religioso após a conquista. Segundo ele, o “pluralismo puro resultaria no caos social e no colapso da lei e da ordem”⁵³, por haver em sua concepção, uma correlação vital entre a crença, a fé, e as leis de um país. O respeito a outras confissões de fé, a outras tradições religiosas não só comprometeria a implementação da agenda teomista, como também impossibilitaria a imposição da lei divina sobre toda a sociedade. Ele arremata: “é impossível que o governo possa dar liberdade absoluta para todas as religiões”⁵⁴. Na visão dos reconstrucionistas, Jerry Falwell não teve disposição suficiente para a radicalidade que a proposta dominionista exigia. Não se tratava de chegar ao poder, mas de transmutá-lo totalmente no seu exercício, transformando-o numa ditadura teomista. Segundo Karen Armstrong:

⁴⁸ NORTH; In: PEREIRA, 2023.

⁴⁹ Conforme seu site: “L’Abri é uma associação cristã, seguindo as confissões clássicas da fé cristã ortodoxa e a tradição cristã reformada. Nós acreditamos que a verdade sobre Deus existe, e que ela importa. Como Francis Schaeffer disse em certa ocasião, “há uma razão única para ser cristão: é que o Cristianismo é a verdade sobre o universo”. Para nós a questão de Deus não é uma questão de gosto, mas de realidade; a única espiritualidade que conta é a que for autêntica e sem ilusões.” <https://www.labri.org.br/sobre> – acesso em 25/01/2025 às 19:13. Deve-se assinalar que a fé não está no Deus que existe de verdade, mas na existência da verdade sobre Deus. Ora, a ortodoxia levada ao seu paroxismo é evidente marca do ideário fundamentalista. De modo semelhante, importa apontar uma organização que procura atestar a existência de Deus, a mesma que segundo a Bíblia é tangida somente pela fé (Hebreus 11.1-6), enquanto parece vender os olhos para realidades mais evidentes. Exemplo disso é que um de seus líderes no Brasil compôs os quadros do Ministério da Família no Governo Bolsonaro, liderado por Damarens Alves.

⁵⁰ PEREIRA, 2023, p. 158.

⁵¹ SUTTON, 1982.

⁵² Os batistas são um movimento interessante. Sua ênfase no indivíduo, espelhada também na autonomia da igreja local, faz com que o grupo não tenha unanimidade nem em pontos basilares como o marco inicial, ou mesmo na definição se são calvinistas ou arminianos. Neste último exemplo, tal diferença se dá porque na Inglaterra surgiram dois grupos de batistas: os Gerais, de onde saiu o grupo que migrou para o que viria a ser os Estados Unidos, e de onde vieram os missionários americanos para o Brasil. Os Batistas Gerais eram arminianos e defendiam a universalidade da mensagem de salvação (Jesus viera para salvar a todos); e os Batistas Particulares, de corte calvinista (cabe lembrar que Calvino influenciou diferentes grupos da Reforma na Europa), que entendia que Jesus viera salvar os escolhidos ou predestinados. Quando Craig elogia a formação calvinista de Falwell o faz por duas razões: a) primeiro, porque a ressurgência do fundamentalismo estadunidense tem matriz no hipercalvinismo (possivelmente até Calvino não seria aceito pelos hipercalvinistas); b) segundo, porque Calvino estabelece uma interação, um modelo de governança em Genebra. Esta relação Igreja & Estado interessa aos dominionistas como inspiração. Conforme: PEREIRA, José dos Reis. *Breve história dos batistas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994; OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Liberdade e Exclusivismo: Ensaio sobre os Batistas Ingleses*. Rio de Janeiro: Horizontal; Recife: STB-NB Edições, 1997.

⁵³ CRAIG, 1982, p. 48.

⁵⁴ CRAIG, 1982, p. 48.

Os reconstrucionistas então planejam a nação cristã, no qual a heresia moderna da democracia será abolida e cada lei da Bíblia será implementada literalmente; a escravidão será restabelecida; a contracepção proibida; adúlteros, homossexuais, blasfemos e astrólogos serão executados; e crianças persistentemente desobedientes serão mortas a pedradas.⁵⁵

Quanto à falta de misericórdia, Craig⁵⁶ já tinha defendido em seu texto uma completa dissociação entre evangelismo e ação social, condenando toda forma de ajuda humanitária. Para Gary North, a pobreza seria decorrente da maldade, que não deve ser lida como insensibilidade, irresponsabilidade, ou como mal estrutural. A maldade estaria atrelada ao pecado individual, tornando a compaixão uma postulação contra a vontade de Deus. Ao fim e ao cabo, o pobre reside na pobreza por castigo, por disciplina divina. Para North, Deus não estaria do lado dos pobres, nem governo algum deveria subsidiar sistemas de previdência social, uma vez que “subsidiar preguiçosos é o mesmo que subsidiar o mal”⁵⁷.

Ao extrair a misericórdia da prática religiosa e cristã, os dominionistas desenvolveram uma espécie de militância em favor do sistema capitalista, chegando a defender o Mercado como uma instância pensada por Deus para manutenção da sociedade, assim como seria o Estado e a família⁵⁸. Trata-se de uma evidente e indevida sacralização do neoliberalismo político e econômico.

Diante de toda esta radicalização, como se daria a total inversão do processo democrático? Como seria possível a implantação de uma teocracia, de uma espécie de “Evangelistão”, ou ainda de Gileade, como nos lembra a distopia de Margareth Atwood⁵⁹? O projeto dominionista pode ser comparado a um cupinzal, no qual diferentes cupinzeiros devidamente localizados e organizados trabalham sistematicamente pela dissolução, sempre a partir de dentro, da democracia moderna.

3. A estratégia dominionista

Na estruturada defesa de um projeto de poder, Gary North diversifica as ações visando a consecução do objetivo final, qual seja, a tomada do poder. Suas proposituras possuem uma marca comum: elas são ações marcadas por uma singeleza que as torna de múltipla adesão, ao mesmo tempo em que possuem uma vocação para as sombras da sociedade, pois dificilmente chamam a atenção ou são notadas.

Os diversos núcleos de ação trazem consigo a condição de promoverem o ideário dominionista sem que a sociedade, a democracia se dê conta de que ela vem sendo carcomida por dentro, através da erosão institucional. São os diversos cupinzeiros de um extenso cupinzal.

⁵⁵ ARMSTRONG, 2007, p. 71.

⁵⁶ CRAIG, 1982.

⁵⁷ NORTH; In: Armstrong, 2007, p. 72.

⁵⁸ É o que pode ser visto no quarto parágrafo da seção Igreja e Estado da Declaração de princípios do Congresso Legado Cristão. <https://legadocristao.com.br/declaracao/>. Acesso em 25/01/2025 às 20:12hs.

⁵⁹ ATWOOD, Eleonor Margareth. *O Conto da Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 2017.

Imagem 1: Congresso da Adhonep de julho de 2022.



Publicidade da Adhonep no Facebook, Junho, 2022.

A imagem não poderia ser mais apropriada. Juntamente com pastores que propagam a Teologia do Domínio, temos o então Procurador Geral da República, uma ex-ministra de Estado, candidata (à época) ao Senado e um Ministro do STF. Trata-se do anúncio do tradicional Congresso promovido pela ADHONEP – Associação de Homens de Negócio do Evangelho Pleno, ministério que foca a conversão de líderes empresariais, personalidades e profissionais liberais para o movimento evangélico. A imagem não deixa dúvida sobre o interesse da Teologia do Domínio na dimensão jurídica da nação.

O primeiro núcleo escolhido é o *lawfare*, o uso da lei e do Judiciário com fins claramente políticos, para perseguição de quem simpatiza com a visão ideológica mais à esquerda. Gary North⁶⁰ chega a sustentar que enquanto se está sob vigência do regime democrático, a legislação e principalmente suas lacunas devem ser exploradas com um duplo objetivo: a) buscar adiantar, pelo cumprimento da lei, certas pautas consideradas imprescindíveis para os reconstrucionistas, como uma espécie de antecipação da teocracia, que também funciona como amostragem do

⁶⁰ NORTH, 1982.

clima sociopolítico; b) sob a vigência da Lei, fruir da liberdade democrática para formatar consciências visando a futura chegada de um regime teocrático. Lembrando que a teocracia não passa de uma instrumentalização do poder político pela religião, em que as decisões são tomadas “em nome de Deus”, ainda que comportando toda sorte de violência.

Além do uso da legislação contra a própria democracia, isto é, o uso da tolerância para a promoção da intolerância, o outro foco de atuação dos dominionistas é a pregação proselitista. Os projetos, campanhas e processos de “evangelização” são exercidos visando que os cristãos se tornem maioria numérica nas nações democráticas para que possam ganhar as eleições. Uma vez vitoriosos, passa-se ao processo da mudança da legislação, adotando a lei divina, bem como na sua imposição a todo o tecido social. Trata-se de uma ruptura das garantias individuais, justamente por ser uma ditadura teocrática. Segundo North⁶¹, a virada de mesa necessita desta maioria cristã. Ressaltamos que ele não fala em unanimidade cristã; basta a maioria, de acordo com seu projeto.

Outro aspecto é o investimento na formatação de novas consciências. Estamos falando aqui de crianças, de educação infantil. Para North⁶², se uma escola não tivesse o ensino bíblico, deveria ter seu financiamento, o repasse de verbas para seu funcionamento, simplesmente cortado. A pressão deveria ser exercida de tal modo que a escola fosse inviabilizada. Nota-se também uma ênfase ao *homeschooling*, o que, segundo os reconstrucionistas, excluiria a influência humanista no processo educacional.

O que causa estranheza neste ponto é que justamente o protestantismo, que sempre esteve atrelado ao fomento e popularização da educação (lembre-se que os reformadores apoiaram iniciativas de alfabetização do povo para que as pessoas pudessem ler o texto bíblico que seguia sendo traduzido e disponibilizado na língua corrente do país), agora quer restringir o seu acesso, caso ele não se dê da forma como certas lideranças pastorais achem que deve ser feita.

Estendendo um pouco mais, temos a inclinação para o obscurantismo. Kevin Craig⁶³ chega a denominar os cientistas que não reconhecem a existência de Deus como filisteus⁶⁴. Na mesma linha de desvalorização da Ciência, North⁶⁵ a ataca afirmando que ela se ergue sobre pressupostos religiosos. Sob a noção da ausência de neutralidade científica, recrimina os cientistas que seguem sem professar a fé cristã. Esquece-se, no entanto, que a Ciência se desenvolve na Modernidade quando escapa do controle, da bainha e da batina dos clérigos, da tutela da Igreja. Somente sem ela é que pode se desenvolver. A fé é evocada para desprezar a objetividade científica.

Por fim, destacamos um último núcleo de concentração da atenção e do ataque reconstrucionista. Trata-se da cultura. Seu objetivo é tanto extirpar as manifestações culturais que jogam luz na realidade, mostrando o que se esconde sob as sombras, quanto promover sua cabal mudança tornando-a tão somente uma expressão religiosa. É a produção cultural refém de um único viés religioso. Não se trata portanto de um ataque refinado. Ao tracionar a espiritualidade cristã para uma forma de compreensão religiosa, os reconstrucionistas reduzem a fé cristã a uma expressão cultural anacrônica, uma vez embebida pelo puritanismo.

⁶¹ NORTH, 1982.

⁶² NORTH, 1982.

⁶³ CRAIG, 1982.

⁶⁴ Povo de possível origem Fenícia que habitava a região da Palestina e que estabelecia seu governo por uma Pentápolis composta pelas cidades: Gate, Asquelom, Gaza, Asdode e Ecrom. No período dos Juizes e nos reinados de Saul e Davi, foram registrados na literatura bíblica como os grandes inimigos de Israel.

⁶⁵ NORTH, 1982.

4. As possíveis consequências da Teologia do Domínio

A caminho da conclusão, procuramos listar algumas possíveis consequências que a inserção da Teologia do Domínio em arraiais evangélicos no Brasil tem provocado ou ainda ocasionará na vida pública e no movimento evangélico no país. Logicamente que não se trata de uma lista exaustiva, mas sim dos principais aspectos que podem ser observados a partir do que já foi apresentado neste texto. Uma vez transcorrido o percurso em que pontuamos não só a estratégia defendida pelos dominionistas para a virada da mesa, mas também como a Teologia do Domínio se percebe e o que ela defende, cabe-nos o exercício das possíveis consequências de sua (tentativa) de implementação.

O primeiro aspecto está ligado a coexistência das mais diferentes tradições religiosas. Uma vez que a Teologia do Domínio condena, como destacou Craig⁶⁶, o pluralismo religioso, cria-se o espaço para o acirramento de tensões entre diferentes grupos das mais diversas tradições religiosas. O quadro pode sugerir a não aceitação culminando na perseguição àqueles que possuem credos díspares ao cristão em sua versão mais radicalizada. O próprio Gary North⁶⁷ sustenta que a tolerância religiosa seria antibíblica, no que se aplica a outras tradições e também a versões mais moderadas dentro do próprio cristianismo.

Um segundo aspecto está relacionado ao anticientificismo. Toda descoberta científica que não possui viés de confirmação para as teses sustentadas pelo fundamentalismo, especialmente a que aponta a inerrância da bíblia, são condenadas como anticiência. Gary North critica a tentativa de cristãos de promoverem o embate contra a o mito da objetividade científica e também contra o ensino do darwinismo, nos termos do que ele chamou de campo humanista. O resultado desta “esquizofrenia”⁶⁸, segundo ele, de pleitear no campo da ciência a inclusão de ideias e teorias que são consideradas mitológicas, era somente perda de tempo.

A pressão, para que haja êxito, precisa ser política. Uma vez vigendo uma ditadura teonomista, seria possível alterar os compêndios escolares que tratam de ciências. Uma versão obscurantista e “atualizada” poderia ser fornecida ao sistema educacional. O lugar da luta foi mudado; passou-se a considerar o ambiente político como palco para a ação de grupos reconstrucionistas. Dentro desse espectro, nota-se a crescente tendência entre evangélicos radicalizados no Brasil em condenarem o ensino universitário ao mesmo tempo em que enfatizam e pleiteiam o *homeschooling* e a expansão de escolas cristãs bilíngues *low cost*. O ambiente do ensino superior seria hostil à fé cristã, importando mais a salvação dos filhos perpetuando-os na igreja do que o progresso na carreira profissional em detrimento da vivência eclesial. Criou-se um evidente desgaste com o ensino formal, chamando-o de ideológico.

Ora, a piora do acesso a informação e da formação do cidadão torna-o de mais fácil captura pela desinformação e pelas *fake news*. Em tempos em que a extrema-direita encontrou sua disposição genética no mundo digital, em que a virtualidade outrora oferecida agora passa a ser celebrada, e a esquerda segue em ritmo analógico, a ausência de formação crítica se torna determinante para o aprisionamento das consciências.

⁶⁶ CRAIG, 1982.

⁶⁷ NORTH, 1982.

⁶⁸ NORTH, 1982, p. 19.

O terceiro aspecto está ligado a entrada definitiva de religiosos e de denominações na esfera política. Max Cassin⁶⁹ mostrou em sua pesquisa o projeto da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) para tanto eleger representantes que funcionem como interlocutores entre a Assembleia de Deus e o estrato político, quanto para lutar contra a corrupção na medida em que a Palavra de Deus seja tomada como balizadora para os legisladores. Este projeto teve início formal em 2001 com a nomeação da Comissão de Política Nacional.

O curioso é que o assembleiano deputado federal Eduardo Cunha, celebrado pela liderança das Assembleias em virtude da sua presidência na Câmara dos Deputados, e defendido por Silas Malafaia como o elemento de purificação da podridão institucional⁷⁰, pouco tempo depois foi preso por corrupção⁷¹. Cassin⁷² assinalou bem o motivo que estava por detrás da defesa de Cunha: o reducionismo dominionista de qualificar a esquerda como demoníaca, a partir da adoção de temas como o aborto e as questões de gênero como identificadores do cristianismo. Se um político, não importa quem for, corresponder às expectativas deste radicalismo que tomou conta de muitas lideranças denominacionais, até a pedra de toque do combate à corrupção, instalada no movimento evangélico desde a emergência do puritanismo e de seu espraio pelo mundo através do protestantismo de missão, passa a ser relativizada.

Os batistas que se mantinham um pouco mais equidistantes do cenário político-partidário passaram a participar ativamente do debate público. Quem inaugurou esse embarque foi o Pastor Paschoal Piragine em 2010, ao usar o púlpito da Primeira Igreja Batista de Curitiba (PR) onde era pastor, para conclamar seus fiéis a derrotarem a candidatura de Dilma Rousseff nas urnas, qualificando o Partido dos Trabalhadores (PT) como contrário aos princípios bíblicos⁷³. O vídeo viralizou exercendo grande influência na escolha presidencial daquele ano. A partir dali o envolvimento se tornou crescente, atingindo seu ápice na campanha pró-Bolsonaro em 2022⁷⁴.

Esse processo de demonização do outro, de qualificá-lo como inimigo associando-o à influência ou pertencimento ao Diabo, não é um fato novo no cristianismo no Brasil. Na disputa entre católicos e protestantes no país, a demonização de um ao outro fazia parte de uma tentativa de anular a fé concorrente⁷⁵. A novidade está na incorporação, pela política, do linguajar e da cosmovisão religiosa. Não se trata mais de diferentes correntes ideológicas, mas sim de crença, de fé⁷⁶, no que tem paralelo com o nazismo. Norman e Stephan Lebert⁷⁷ registrando a fala de um dos filhos dos principais apoiadores de Hitler, ressalta que o nazismo deveria ser visto a partir do prisma religioso, isto é, encarado como uma religião. Ora, enquanto no cenário político a

⁶⁹ CASSIN, 2020.

⁷⁰ Repetindo o exemplo da experiência do profeta Isaías no homônimo livro da bíblia, capítulo 6. Note bem: Silas Malafaia não comparou Eduardo Cunha ao profeta, mas ao anjo do Senhor.

⁷¹ <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2020/09/09/eduardo-cunha-e-condenado-a-15-anos-de-prisao-por-corrupcao-passiva-e-lavagem-de-dinheiro-na-lava-jato-no-parana.ghtml> – Acesso em 27/01/2025 – 10.44hs.

⁷² CASSIN, 2020.

⁷³ Conforme: BARBOSA, Wilmar do Valle; SOUZA, Andréa Silveira de. Iniquidade ou elã fundamentalista? Considerações sobre religião e política no Brasil. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 19 n. 2, 2016, p. 113-140.

⁷⁴ DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise. *A Noiva sob o Véu: Novos olhares sobre a participação das Igrejas Evangélicas nas eleições de 2022*. Rio de Janeiro: Menocchio, 2024b. p. 21-60.

⁷⁵ SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira*. Salvador, BA: Sagga, 2024.

⁷⁶ ROCHA, 2023.

⁷⁷ LEBERT, Norman & Stephan. *Tu Carregas Meu Nome: a herança dos filhos de nazistas*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2004.

divergência é bem-vista, no campo da religião costumeiramente ela é tomada como heresia. Por isso, a demonização do PT, como aquela feita em 2010 por Piragine, é encontrada no discurso de políticos da extrema-direita nacional⁷⁸. O resultado é a retórica do ódio, viabilizada por aquilo que Rocha chamou de “dissonância cognitiva coletiva”⁷⁹, mesmo porque o tipo de fé evangélica que ganhou força no país foi justamente aquela que prescinde da razão, da crítica e da autocrítica, e que confere maior preponderância ao mágico, ao irracional, ao espetacular. Em outras palavras: uma fé alienante e alienada.

A entrada ostensiva dos evangélicos no espaço público nacional transcendeu o fisiologismo e o patrimonialismo, traços deletérios e marcantes do modo de fazer política no Brasil. Esta ostensividade, reflexo de um projeto dominionista de poder, tem transmutado aos poucos o modo de se fazer política no país. O espectro político como confissão de fé, o partido como seita, é uma experiência nova no espaço público deste país.

O quarto aspecto ou consequência que sugerimos é o possível desgaste que o excesso da interferência e temática religiosa pode ter começado a causar no espaço público. Possivelmente esse foi um dos fatores para o insucesso de candidaturas religiosas, apoiadas pelos barões da fé, para a vereança do Rio de Janeiro. Outro aspecto a ser considerado é a possível equidistância dos evangélicos dos extremos, preferindo candidatos que não estejam alinhavados com o extremismo, mesmo que seja o de direita.

Importa destacar que a proposta do protestantismo era evangelizar as elites, no que os colégios confessionais atestam esta intenção. No entanto, as mesmas elites que optaram pelo ensino liberal protestante, rejeitaram a sua pregação⁸⁰, implicando no crescimento do movimento evangélico em direção à periferia⁸¹. Para Lyndon Santos⁸², esse projeto que mirou as elites provocou a desconfiança da classe operária a ponto de não enxergar a Igreja como sua aliada.

Todavia, o que recentemente se tem observado é que o avanço evangélico sobre as periferias tem alijado a esquerda e colocado a igreja como aliada do povo e, contraditoriamente, contra o povo, em virtude de sua aliança com o bolsonarismo. Esta mudança, apontada por pesquisadores como Jessé de Souza e João Cezar Castro Rocha precisa receber mais pesquisas que estudem essa transição mais a fundo. A igreja evangélica tem se tornado instrumento de blindagem mental, posto que estabelece uma redoma impedindo que a comunicação e que os feitos do Governo do PT sejam atribuídos a quem de direito⁸³.

O quinto aspecto é a mudança da perspectiva cultural a partir da sociedade como um todo. Capturados por uma demonização cultural, um número crescente de brasileiros tem simpatizado com projetos que inviabilizem a indústria deste setor da economia nacional. A Lei Rouanet é um exemplo de um dispositivo legal que se tornou sinônimo, para muitos, de corrupção,

⁷⁸ ROCHA, 2023.

⁷⁹ ROCHA, 2023, p. 85, 86, 154.

⁸⁰ DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. Tempestade perfeita: a emergência do bolsonarismo e o movimento evangélico no Brasil. In: BARROS II, João; SPYER, Tereza; VALLE, Vinícius do (org.). *Cruzadas Contemporâneas: política e guerra cultural evangélica no Brasil*. São Paulo: Editora Pluralidades, 2024a. p. 57-85.

⁸¹ Um exemplo clássico, ilustrativo deste fato pode ser visto na Convenção Batista Carioca. As maiores e principais igrejas daquela convenção até os anos 1990 estavam localizadas no subúrbio carioca, contrastando com a pequenez e insignificância das igrejas localizadas na Zona Sul do Rio de Janeiro.

⁸² SANTOS, 2024.

⁸³ Como colunista do Observatório Evangélico publiquei esse texto no qual aponto a existência de uma espécie de redoma em boa parte dos evangélicos brasileiros. Ver: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/o-que-explica-a-opcao-evangelica-pelo-bolsonarismo-2/>.

de privilégios. A eliminação das instituições ligadas à cultura é um projeto da extrema-direita corporificada no bolsonarismo⁸⁴. Seu objetivo é inviabilizar a leitura da realidade, ou ainda, a passagem da virtualidade para a realidade. A produção cultural tem o poder de transpor os filtros ideológicos e os mecanismos de defesa do ego.

O sexto aspecto é o da ênfase na clássica agenda fundamentalista cujas pautas são: o anticomunismo, o racismo e a misoginia⁸⁵. Estas agendas podem ser sentidas naquilo que anteriormente nomeamos como demonização do pensamento de esquerda, ainda que reconheçamos que na perspectiva do fascismo todo o restante do espectro político sempre estará à sua esquerda (sem que necessariamente seja um pensamento de esquerda)⁸⁶. De maneira similar observado na crescente defesa do enclausuramento da mulher, restringindo seu papel e influência aos limites do lar⁸⁷ e na condenação à ordenação feminina⁸⁸. O aumento de casos de feminicídio é outro indicador de misoginia no país⁸⁹. Não menos importante, o aumento de casos de racismo, tanto em arenas esportivas⁹⁰, quanto em shoppings⁹¹ e outros espaços coletivos. O incremento do racismo também pode ser notado no seu aspecto religioso⁹² na elevação dos casos de destruição de terreiros, como também na condenação de políticas públicas de reparação, como a de cotas, revelando que a ascensão social do negro não é bem vista pela elite deste país.

O sexto aspecto ou consequência é a mudança de paradigma escatológico. A importância deste destaque é porque tal alteração tem ligação com um projeto político de poder. Dentre as correntes escatológicas existentes, a mais popular é o Pré-Milenismo Dispensacionista de John Nelson Darby⁹³. Sua popularização se deu tanto pela divulgação da bíblia Scofield como também por produções cinematográficas como *Deixados para trás*, baseado na obra de Tim Lahaye. Tal corrente escatológica procura oferecer uma teologia da história, dividindo-a em sete dispensações e defendendo, entre outros pontos, o milênio literal, exercido por Jesus em Jerusalém antes do fim e a inserção do povo judeu na salvação final de Deus.

⁸⁴ ROCHA, 2023.

⁸⁵ Conforme: ARMSTRONG 2001; CHEVITARESE *et al*, 2021.

⁸⁶ Exemplo clássico foi o ex-presidente Bolsonaro chamar o governador de Goiás Ronaldo Caiado de esquerdista, por ele como médico de formação, ter seguidos as medidas sanitárias propostas pela OMS (Organização Mundial da Saúde), em plena pandemia da COVID-19. Caiado sempre foi o político mais à direita que o panteão nacional possuía, até a ascensão de Bolsonaro.

⁸⁷ O que também pode ser visto no artigo de Elizabete M. Kobayashi que mapeia esse ideário no final da primeira metade do século XX: KOBAYASHI, Elizabete Muyumi. A saúde via consumo: a representação idealizada das donas de casa, mães e esposas nos manuais de economia doméstica e nos anúncios das revistas O Cruzeiro e Manchete, 1940-1960. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro, 25 (3), Jul-Sep/2018. •<https://doi.org/10.1590/S0104-59702018000400008> . Acesso em 27/01/2025 às 13:39hs pelo site <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/LZGTPwshF3DJKfSCchM9qzv/> .

⁸⁸ Conforme: GRUDEN, Wayne. *O feminismo evangélico: um novo caminho para o liberalismo*. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. Ver também: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2024/03/03/dizem-que-pastora-nao-existe-mulheres-podem-liderar-igrejas-evangelicas.htm> ; https://g3min.org/nao-mulheres-nao-podem-pregar/?srsltid=AfmBOooi695eJECxvL1FIJ6Z4uIyosKn_LBjbaS2IdDx-C4qqoGT-E7 e <https://solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatistas/OrdenacaoFeminina-Nicodemus.htm> .

⁸⁹ Conforme: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/aumento-dos-feminicidios-no-brasil-mostra-que-mulheres-ainda-nao-conquistaram-o-direito-a-vida.ghtml> Acesso em 27/01/2025 às 13:23hs.

⁹⁰ Conforme: <https://www.cartacapital.com.br/esporte/casos-de-racismo-no-futebol-brasileiro-aumentaram-quase-40-em-2023-diz-estudo/> .

⁹¹ Ver: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/12/24/empresaria-acusa-funcionaria-de-loja-de-racismo.ghtml> .

⁹² Conforme: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/08/07/intolerancia-religiosa-denuncias-crescem-mais-de-80percent-no-primeiro-semester-de-2024-segundo-disque-100.ghtml> .

⁹³ ARMSTRONG, 2007.

Essa linha escatológica tanto pela grande quantidade de citações bíblicas, quanto por sua simplicidade, floresceu aqui no Brasil, principalmente no pentecostalismo clássico e também no neopentecostalismo. Todavia, também teve grande penetração entre os membros de denominações como a batista. Em sua escatologia, Darby sustentava que para a chegada do Milênio, para que a profecia literal fosse cumprida, era necessário que o povo judeu retornasse à Palestina, ou melhor, que o Estado de Israel fosse restabelecido. Em um país protestante, tal pensamento escatológico foi usado para legitimar toda ação em favor do Estado de Israel. Segundo Armstrong⁹⁴, o próprio Jerry Falwell teria interpretado a fundação do Estado de Israel em 1948 como um grande sinal da iminente volta de Jesus.

A escatologia dispensacionalista serviu para a pregação fundamentalista, tanto por seu literalismo bíblico, quanto por sua legitimação religiosa ao moderno Estado de Israel. As bandeiras de Israel na plataforma do púlpito de muitas igrejas evangélicas se deve a adesão a esta linha escatológica. Ocorre que o Pré-Milenismo Dispensacionalista coloca sobre Deus a responsabilidade de inauguração desta nova e milenar era. A única coisa pendente, como vimos, era o estabelecimento do Estado de Israel que, pela reação de Falwell, foi também atribuída a uma intervenção divina. Evidentemente que tal postulação não interessa aos dominionistas.

De modo paradoxal, os propagadores da Teologia do Domínio, os mesmos que se vêm como mais radicais que os fundamentalistas, buscaram justamente na linha escatológica historicamente atribuída ao liberalismo teológico, sua inspiração. A corrente escatológica pós-milenista defendia a realização do Reino de Deus, a partir de uma visão otimista da evolução do conhecimento humano. No Pós-Milenismo o otimismo é cercado pela crença de que haveria um sensível aumento das conversões à pregação, levando a um tempo de paz, justiça e prosperidade sem precedentes na humanidade. O mundo projetado pelo Pós-milenismo é estruturalmente outro, com maior igualdade e respeito a alteridade. Em outras palavras, criaria as condições ideais para o governo milenar de Jesus. Cristo não reformaria o mundo, mas o mundo seria reformado para o governo milenar de Cristo.

O que chamamos aqui de “rebatismo” do Pós-Milenismo por reconstrucionistas como Kevin Craig passa pela adoção desta linha escatológica como uma utopia a ser perseguida. Se a escatologia premilenista é incompatível com o projeto dominionista, uma vez que veda a tomada do poder, a pós-milenista se adequa muito bem. Em nome da chamada utopia bíblica, os preparativos que contemplam a ideia de como o mundo seria se estivesse debaixo da lei divina são feitos, uma vez que se acredita que os cristãos serão bem sucedidos antes da vinda de Jesus Cristo. Para o teólogo dominionista, “a utopia bíblica tem a visão da nação cristã”⁹⁵. Nação é um termo chave para a identificação da proposição dominionista. É sob a apropriação do pós-milenismo que a Teologia do Domínio legitima suas ações visando o derretimento da democracia e a instalação de uma teocracia.

O que os dominionistas não explicitam é que para existir uma teocracia o ditador precisa ser reconhecidamente um filho de Deus. A condição primeira é a pertença a uma denominação evangélica. Representantes envolvidos com a proposta do Nacionalismo Cristão, como Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Messias Bolsonaro no Brasil, bem como seus seguidores mais próximos, seriam peremptoriamente descartados em um governo teonomista, simplesmente por

⁹⁴ ARMSTRONG, 2007.

⁹⁵ CRAIG, 1982, p. 72.

não professarem a fé evangélica. Nesse meio tempo, até a implementação da ditadura religiosa, grupos ligados ao nacionalismo cristão legitimam tais candidaturas⁹⁶ em troca do apoio a certas pautas consideradas vitais ao cristianismo, conquanto jamais tenha sido registrada qualquer palavra de Jesus sobre tais assuntos. A Teologia do Domínio, mais do que o processo histórico de institucionalização da fé cristã, tem aumentado a discrepância entre o evangelho de Jesus e o movimento evangélico.

A oitava consequência é a multiplicação dos atores sociais mirando diferentes nichos visando o solapamento democrático. Como dissemos anteriormente, desde os anos 2000 o Brasil foi alvo de intensa ação e financiamento do fundamentalismo estadunidense⁹⁷. As organizações que atuam no país possuem foco. Se uma *Capitol Ministries*, que aportou aqui em 2018, objetiva o *lobby* a ser feito nas casas legislativas, priorizando o Congresso Nacional e as reuniões da Frente Parlamentar Evangélica (FPE), a GKPN (*Global Kingdom Partnership Network*) tem sua atuação voltada para os pastores de grandes igrejas⁹⁸. Para a doutrinação fundamentalista de lideranças pastorais existem editoras que replicam teólogos fundamentalistas estadunidenses, bem como promovem encontros, congressos com mesma finalidade. A própria interiorização de missionários norte-americanos no país realizando as chamadas clínicas de pregação expositiva, nas quais há doutrinação fundamentalista é outro vigoroso sinal desta ação orquestrada. Além destas, há organizações que visam a promoção de *homeschooling* e de pressão evangélica sobre o ensino secular, tanto na sugestão de literatura cristã quanto na pressão pelo ensino do Criacionismo. Há outras organizações distribuídas em outras áreas, o que mostra o empenho para que a maioria cristã e a virada de mesa não seja somente um sonho a ser realizado em uma próxima geração.

A nona consequência é a maior ênfase na pedra de toque do fundamentalismo que é a noção de inerrância da Bíblia. A defesa deste ponto é o bastião da certeza que tanto sentido empresta aos que se fazem errantes, na visão do fundamentalismo, por tantas dúvidas e questionamentos. Declarar a opção pela inerrância bíblica se tornou uma digital de quem é crente (para os fundamentalistas) e de quem é fundamentalista (para os crentes). Na concepção do radicalismo religioso evangélico, a fé caminha debaixo de firme convicção e certeza. Ora, se assim realmente fosse, não haveria o “salto da fé” como defendeu Sören Kierkegaard em *Temor e Tremor*⁹⁹. A fé deveria ser a ponte pela qual a dúvida é transposta na medida em que se aumenta a confiança em Deus.

A décima consequência é o expurgo denominacional. O nacionalismo cristão, de evidente inspiração fascista, rejeita a possibilidade de divergência na sua base religiosa de apoio. A operação é massiva, resultando na perseguição e banimento dos discordantes. No Brasil, destacamos os seguintes casos de cancelamento entre 2018-2022: a) Ed René Kivitz, expulso da Ordem dos Pastores Batistas de São Paulo; b) Edson Nunes, afastado da Igreja Adventista

⁹⁶ Temas tais como o ensino da bíblia nas escolas públicas, a proibição ao aborto, a negação de direitos a grupos LGBTQIPNA+, entre outros. Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clk7l9gwkjpv0> – Acesso em 27/01/2025 às 22.32hs.

⁹⁷ CASTRO, Alexandre de Carvalho. *A Sedução da Imaginação Terminal: Uma análise das práticas discursivas do fundamentalismo americano*. Rio de Janeiro: Horizontal, 2003.

⁹⁸ Foi em suas reuniões, em 2018 na Igreja Batista Central de Belo Horizonte e 2022 na Igreja da Cidade em São José dos Campos (SP) que foi fechado o acordo para apoio à candidatura de Bolsonaro (Dusilek, 2024b).

⁹⁹ KIERKEGAARD, Sören. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção: Os pensadores).

Semente em São Paulo; c) Nilson Gomes, pastor assembleiano, colocado no *freezer* em decorrência de sua homilia que questionava a nova mania dos crentes de fazer “arminha” nas igrejas, símbolo da adesão ao bolsonarismo; d) os músicos Pr. Kleber Lucas (Batista, RJ) e Leonardo Gonçalves (Adventista, SP) pela resistência ao bolsonarismo e apoio a Lula; e) o Pr. Sérgio Dusilek (RJ), forçado a renunciar à presidência da Convenção Batista Carioca após sua palavra de apoio pessoal a Lula no encontro com os evangélicos no Clube Tamoio de São Gonçalo ter viralizado; f) a perseguição ao pastor batista Usiel Carneiro (ES) com interferência do Judiciário na vida da igreja; g) a exoneração do Pr. Edvar Gimenes (PE) do cargo de Diretor Geral da Convenção Batista de Pernambuco, devido a sua declarada opção política pela esquerda. O pano de fundo de todos esses casos parece ser o conforto que o bolsonarismo deu aos sínodos denominacionais para promover, por mais paradoxal que possa parecer, esse simulacro evangélico do período inquisitório romano.

Conclusão

Ao finalizarmos este artigo é preciso ressaltar que a ideia de uma teocracia, de um evangelistão, se em algum momento soou como um exagero, uma excrescência, ou algo muito distante, hoje não mais. A distopia de Gileade proposta por Atwood, dá sinais visíveis de sua presença histórica, aqui e alhures. A movimentação de organizações comprometidas com o projeto de poder da Teologia do Domínio segue ocorrendo no tecido social, ainda que vibrando em *subwoof*, abaixo dos radares institucionais. Não por outro motivo, o país está sendo tracionado de uma posição conservadora para um radicalismo de extrema-direita, alimentado pelo fundamentalismo religioso e pelo dominionismo, sempre com apoio e financiamento estadunidense.

Como projeto de poder que visa a instalação de teocracia radical que traria perplexidade até para os aiatolás, a convivência entre as eleições e o dominionismo tem prazo de validade. O sucesso da Teologia do Domínio implica na exclusão das eleições e da democracia. O paradoxo é que a ruptura democrática, a abolição das garantias individuais, é feita em nome da “perfeita” liberdade, assumida na concordância com uma sociedade teonomista. A perplexidade é perceber a quantidade de pessoas que sustentam termos antitéticos, excludentes.

Ao longo deste texto vimos que o Reconstrucionismo nada mais é do que um projeto de aniquilamento, de “terra arrasada”. É preciso aniquilar a tradicional formação educacional; é preciso aniquilar outras formas religiosas que não sejam as cristãs radicalizadas; é preciso interferir nos conselhos de educação. É preciso rejeitar a produção cultural, tornando-a escrava da dominação religiosa, assim como viabilizar somente o progresso (?) científico com viés de confirmação para o “inerrante” texto bíblico.

Oferecemos um prognóstico listando algumas possíveis consequências no caso de êxito do dominionismo. Ocorre que alguns dos pontos elencados no texto já podem ser sentidos pela sociedade. Talvez, para aqueles que parecem ainda distantes, a perseguição e expurgo de líderes nas mais diferentes denominações possa servir como um tipo de microcosmo a iluminar o macrocosmo político. Se expurgaram líderes de dentro do movimento evangélico, quanto mais não fariam com lideranças políticas que nem são evangélicas.

A blindagem mental de parte dos evangélicos, essa periferia que foi renegada no projeto de instalação do protestantismo de missão no Brasil, mas que agora se encontra a vontade no

movimento evangélico, é fruto da ação de grupos fundamentalistas e dominionistas no país. No que há de ruim, o governo do presidente Lula é exposto sem piedade; entretanto, quando coisas boas acontecem como aumento real do salário mínimo, aumento da empregabilidade, entre outros, tais ações sofrem um batismo sendo atribuídas diretamente a ação de Deus. Em suma: o que está mal é culpa de Lula; o que acontece deve ser creditado ao divino.

Não por outra razão que sugerimos em certo ponto deste artigo que pesquisas fossem feitas em duas direções: a primeira, no sentido de aprofundar a compreensão desta transição de uma classe trabalhadora, pobre, periférica, desconfiada, para uma adesão às aspirações de poder do movimento evangélico que em pouco ou nada a contempla. Associada a esta temática, também seria oportuno aprofundar a relação entre a influência e presença do Puritanismo no que poderia se chamar de “DNA” evangélico nacional como uma vigorosa conexão para o eco do pensamento teológico estadunidense, bem como para a propagação do lavajatismo que carimbou a esquerda como corrupta.

Ao finalizar este artigo é preciso que se diga que estamos no hiato, neste íterim entre o projeto de poder reconstrucionista e seu pleno êxito. O solapamento da democracia, sua erosão pode dentro, está em curso. Esta é uma razão porque este texto ainda pode ser escrito e publicado. A vantagem daqueles que defendem e lutam por uma democracia ampla que não se resuma ao direito de votar, mas que se traduza em igualdade e equidade social, é que temos conhecimento, como vimos, do modo, das etapas que os teóricos da Teologia do Domínio, como Gary North, estabeleceram para sua consecução. Se sabemos o como, se temos conhecimento do *modus facien-di* do projeto de poder dominionista, em tese também deveríamos ter as condições para evitá-lo.

Contudo, será que a democracia moderna conseguirá sobreviver? Ou estaríamos vendo a aproximação do seu prazo de validade, em que o governo exercido pelos políticos seria substituído por um governo de Deus? Nesse processo que reúne desencanto e encantamento, o tempo para reação tem ficado cada vez menor.

Referências

- ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- ARMSTRONG, Karen. *Em Nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Trad.: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *A Bíblia: uma biografia*. Tradução de Maria Luisa X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ATWOOD, Eleonor Margareth. *O Conto da Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 2017.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- AZEVEDO, Israel Belo de. *A palavra marcada: teologia política dos batistas segundo O Jornal Batista*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Rio de Janeiro, 1983. 404p.
- BARBOSA, Wilmar do Valle; SOUZA, Andréa Silveira de. Iniquidade ou elã fundamentalista? Considerações sobre religião e política no Brasil. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 19 n. 2, p. 113-140, 2016.

- BENJAMIN, Walter. *O capitalismo como religião*. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Editora Boitempo, 2013.
- CASSIN, Max David Rangel. “*House of Cunha*”: Os líderes pentecostais dão as cartas. Uma análise da política brasileira (2010-2018). Niterói, RJ. Mestrado (dissertação) – Universidade de Salgado de Oliveira, Programa de Pós-Graduação em História, 2020. 168f.
- CASTRO, Alexandre de Carvalho. *A Sedução da Imaginação Terminal*: Uma análise das práticas discursivas do fundamentalismo americano. Rio de Janeiro: Horizontal, 2003.
- CASTRO, Alexandre de Carvalho; DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves; SILVA, Clemir Fernandes da. Identidade Social, Mídia televisiva e construção histórico-cultural da Memória Coletiva: o caso de um movimento sócio-religioso no Brasil. *Religião & Sociedade*, v. 36, p. 74-102, 2016.
- CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise (organizadores). *Fundamentalismo Religioso Cristão*. Olhares transdisciplinares. Rio de Janeiro: Kliné editora, 2021.
- CLAREMONT, Chris. *X-Men: Deus ama, o homem mata* – edição estendida / roteiro por Chris Claremont; arte por Brent Anderson; tradução por Érico Assis. Barueri, SP: Panini Brasil, 2023.
- CLAREMONT, Chris (argumento). ANDERSON, Brent (arte). *X-Men – conflito de uma raça*. Série Graphic Novel. São Paulo: Abril, 1988.
- CRAIG, Kevin. Social Apologetics. In: JORDAN, James B (Ed.). The Failure of the American Baptist Culture. *Christianity and Civilization*. Nº 1, Spring 1982. Geneva Divinity School, p. 41-76.
- DIAS, Ivan; BARBOSA, Wilmar. *Religião e Política nos Estados Unidos*: Jerry Falwell e a presença do fundamentalismo evangélico no espaço público americano. Curitiba: Prismas; Appris, 2019.
- DREHER, Luís Henrique. A Sedição do Secular na Religião: uma Análise da Obra de Friedrich Gogarten. *Numen*: revista de estudos e pesquisa da religião. Juiz de Fora, v.2. n. I, 1999. p. 51-72.
- DREHER, Martin N. *História do Povo de Jesus*: Uma Leitura Latino-Americana. 2. ed. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2017.
- DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves. Tempestade perfeita: a emergência do bolsonarismo e o movimento evangélico no Brasil. In: BARROS II, João; SPYER, Tereza; VALLE, Vinícius do (orgs). *Cruzadas Contemporâneas*: política e guerra cultural evangélica no Brasil. São Paulo: Editora Pluralidades, 2024a. p. 57-85.
- _____. Os Batistas da Convenção Batista Brasileira e as eleições de 2022: Um Caminho de Difícil Retorno. In: DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise. *A Noiva sob o Véu*: Novos olhares sobre a participação das Igrejas Evangélicas nas eleições de 2022. Rio de Janeiro: Menocchio, 2024b. p. 21-60.
- _____. A Resistência. In: CHEVITARESE, André L.; CAVALCANTI, Juliana B.; DUSILEK, Sérgio R. G.; DE MARIA, Tayná Louise (organizadores). *Fundamentalismo Religioso Cristão*. Olhares transdisciplinares. Rio de Janeiro: Kliné editora, 2021a. p. 117-135.
- _____. A Contribuição Estética de Erich Auerbach para a Recepção da Literatura Bíblica e para as Histórias em Quadrinhos. In: SIMÕES, Darcília; GOMES, Nataniel. *Ensino de línguas e histórias em quadrinhos. Jornada 5*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Dialogarts 2021b. p. 92-129.

- _____. SECARAM O OÁSIS: Gestões e In-digestões da res Batista no caso e ocaso do Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 44, p. 180-206, 2018.
- FAJARDO, Alexander. Fanini: pastor, empresário de mídia e amigo dos militares. In: NASCIMENTO, Ester Fraga Villas-Bôas do; CABRAL, Newton Darwin de Andrade; SOUZA, José Roberto de. (Organizadores). *Lideranças protestantes no Brasil: ensaios biográficos*. Recife: Editora UFPE, 2015. p. 303-323.
- FOSDICK, Harry Emerson. *The Modern use of the Bible*. New York: The Macmillan Company, 1961.
- GOMES, Nataniel dos Santos. Protestantismo, Política e Fundamentalismo: uma conversa com Sérgio Dusilek. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 49, n. 02, p. 79-88, jul./dez. 2023.
- GRUDEN, Wayne. *O feminismo evangélico: um novo caminho para o liberalismo*. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.
- KIERKGAARD, Sören. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. Traduções de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção: Os pensadores).
- LANDERS, John M. *Teologia dos princípios batistas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.
- LEBERT, Norman & Stephan. *Tu Carregas Meu Nome: a herança dos filhos de nazistas*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MILTON, John. *O Paraíso Perdido*. Tradução de Antônio José Lima Leitão. São Paulo: Editora Martin Claret, 2010.
- MULLINS, Edgar Young. *A religião cristã: na sua expressão doutrinária*. Tradução de Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Hagnos, 2005.
- NIEBUHR, H. Richard. *Cristo e Cultura*. Tradução de Jovelino Pereira Ramos. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.
- _____. *As origens sociais das denominações cristãs*. Tradução de Dirson Glênio Vergara dos Santos. São Paulo: ASTE, 2023.
- NORTH, Gary. The Intellectual Schizophrenia of the New Christian Right. In: James B Jordan (Ed.). *The Failure of the American Baptist Culture. Christianity and Civilization*. N. 1, Spring 1982. Geneva Divinity School, p. 1-40.
- NOVAES, Carlos César Peff. Primus Inter Pares: Raízes históricas do isolacionismo batista no protestantismo brasileiro. In: DUSILEK, Sérgio Ricardo Gonçalves; CÂMARA, Uipirangi Franklin da Silva. *O Oásis e o Deserto: uma reflexão sobre a história, identidade e os princípios batistas*. Rio de Janeiro: W. Books Editorial, 2021. p. 51-87.
- OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. *Liberdade e Exclusivismo: Ensaio sobre os Batistas Ingleses*. Rio de Janeiro: Horizontal; Recife: STBNB Edições, 1997.
- PEREIRA, José dos Reis. *Breve história dos batistas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1994.
- PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: uma chave de interpretação evangélico-política do bolsonarismo. *Projeto História*, São Paulo, v. 76, p. 147-173, Jan.-Abr., 2023.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.
- RICOEUR, Paul. *O Conflito das Interpretações: ensaios de hermenêutica*. Trad.: Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

- _____. *Ensaio sobre Interpretação Bíblica*. Tradução de José Carlos Bento. São Paulo: Fonte Editorial, 2008.
- ROCHA, João Cezar de Castro. *Bolsonarismo: da guerra cultural ao terrorismo doméstico: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira*. Salvador, BA: Sagga, 2024.
- SANT'ANA, Raquel. *A nação cujo Deus é o Senhor: a imaginação de uma coletividade "evangélica" a partir da Marcha para Jesus*. 262f. Tese (doutorado). Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2017.
- SCHIRACH, Klaus von. In: LEBERT, Norman & Stephan. *Tu Carregas Meu Nome: a herança dos filhos de nazistas*. Tradução de Kristina Michahelles. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- SCHURDEN, Walter B. *Quatro Frágeis Liberdades; Resgatando a Identidade e os Princípios Batistas*. Tradução de Raimundo César Barreto Jr.; Benedito G. Bezerra. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2018.
- SINGER, Brian (direção). *X-Men 2*. Estados Unidos: 20th Century Fox. 2003. 134 min.
- SUTTON, Ray. The Baptist failure. In: James B Jordan (Ed.). *The Failure of the American Baptist Culture. Christianity and Civilization*. N. 1, Spring 1982. Geneva Divinity School, p. 152-184.
- TESTA, G. G.; MESQUITA, L.; BOLOGNESI, B. Do fisiologismo ao centro do poder: as reformas eleitorais e o centrão 2.0. *Caderno CRH* (Online), v. 37, 2024.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América: sentimentos e opiniões*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VOLTAIRE. *Cartas Inglesas ou Cartas Filosóficas*. 1. ed. Tradução de Marilena de Souza Chauí Berlinck. São Paulo: Abril, 1973. [Coleção Os Pensadores].

Submetido em 30/01/2025

Aprovado em 18/06/2025